

**O mundo já está a acabar?**  
**E.M. Forster discute *Whatsapp*, *Skype* e *Questia*,  
ou uma leitura de “The Machine stops” (1909)**

**Sofia Araújo**

*Universidade do Porto - CETAPS / CITCEM / ILC-ML / IF*

**Resumo:** A proximidade de alguma da imagística de “The Machine stops” a realidades contemporâneas ligadas primordialmente às utilizações da *Internet* gera a aplicação do célebre critério: relevância. A comunicação através de ecrãs das personagens descreve com exactidão a era de *Skype* e *Whatsapp*. Que mundo descreveu E.M. Forster em 1909 e que mundo encontramos nele em 2017? E se o dele acaba em apocalipse, quer dizer que já estamos a caminho?

**Palavras-chave:** E.M. Forster, distopia, utopia, Apocalipse, ficção científica, *Internet*

**Abstract:** The link between some of the images in “The Machine stops” and current *Internet*-based living circumstances earns E.M. Forster’s short-story the coveted title of ‘relevant’. On-screen communication between characters describes to a tee the workings of *Skype* ou *Whatsapp*. What was the world that E.M. Forster created in 1909 and what world do we read in it in 2017? And if his resulted in apocalypse, are we to assume we are well on our way there?

**Keywords:** E.M. Forster, dystopia, utopia, apocalypse, sci-fi, *Internet*

Long books, when read, are usually overpraised, because the reader wishes to convince others and himself that he has not wasted his time.

E.M. Forster, *Aspects of the Novel*

Se reconhecermos a análise literária como sendo domínio da crítica – como tal, subjectivo e criativo<sup>1</sup> –, teremos igualmente de reconhecer as categorias que nela aplicamos como algo de, por essência, não estanque e de valorativo (por oposição a descritivo). Quando essas categorias são particularmente amplas ganham contornos mais carregados que reflectem ponderações, quase sempre colectivizadas (ou, pelo menos, sempre particularmente colectivizáveis), de gosto e de mérito. Poucas distinções são de tal forma marcadas como aquela entre ‘ficção científica’ e ‘literatura *a sério*’, com a ‘ficção científica’ a ser resgatada enquanto artefacto político-cultural ou histórico, mas geralmente considerada inferior (enquanto objecto estético e muitas vezes mesmo filosófico). Alguns autores – como Kurt Vonnegut e Ray Bradbury – conseguem (quase) escapar a este maniqueísmo analítico. Alguns outros – como Jules Verne, H.G. Wells ou Arthur C. Clarke – são geralmente tomados por reféns de colectâneas de literatura juvenil ou de verão. Outros ainda – como Ballard e Isaac Asimov – aguardam ainda julgamento. Assim, quando um autor “a sério”<sup>2</sup> faz ficção científica, esta é geralmente tomada como trabalho menor, de cariz lúdico ou experimental, mas sempre quase accidental. Se o acaso fizer com que esse texto seja efectivamente menor no que ao volume diz respeito, a caracterização fica reforçada. É o que acontece com o conto/novela (*not-so-short story*) “The Machine stops” publicado em 1909 por E.M. Forster (1879-1970).

Um ano depois de *A Room with a View* (1908) e um ano antes de *Howards End* (1910), o autor de *A Passage to India* (1924) assina uma visão de um futuro distópico com pretensa esperança utópica final. A história decorre algures num futuro que nos parece peculiarmente próximo da actualidade tecnológica ocidental. Daí decorre um renovado interesse por este texto, agora de leitura livre, que, por irónico paradoxo, se multiplica em cópias electrónicas, partilhas directas e indirectas e comentários

surpresos e quase sempre encantados, desde os mais imediatistas às mais detidas reflexões. Em 2016, Juliet Forster dirige para o palco do York Theatre Royal uma adaptação assinada por Neil Duffield. Dramaturgo e encenadora demonstram bem esta reencontrada pertinência: “It’s a warning for now for what we might be getting ourselves into”, diz Neil Duffield, e “[Y]ear on year, it’s gained more and more relevance [...] Forster had such insight into human nature and the way we would adapt and lose parts of ourselves through technology”, acrescenta Juliet Forster (*apud* Long 2016). De facto, a proximidade de alguma da imagística de “The Machine stops” a realidades contemporâneas ligadas primordialmente às utilizações da *Internet* gera a aplicação do célebre critério: relevância. A comunicação entre as personagens através de ecrãs descreve com exactidão a era de *Skype* e *Whatsapp* e evoca as suas consequências afectivas e efectivas, entre comunicação constante e solidão individual, *sexting* e síndrome de abstinência electrónica:

‘I want you to come and see me.’

Vashti watched his face in the blue plate.

‘But I can see you!’ she exclaimed. ‘What more do you want?’

‘I want to see you not through the Machine,’ said Kuno. ‘I want to speak to you not through the wearisome Machine.’

‘Oh, hush!’ said his mother, vaguely shocked. ‘You mustn’t say anything against the Machine.’

‘Why not?’

‘One mustn’t.

‘You talk as if a god had made the Machine,’ cried the other. ‘I believe that you pray to it when you are unhappy. Men made it, do not forget that. Great men, but men. The Machine is much, but it is not everything.’ (Forster 2011: 3)

Se a segunda metade do século XIX foi marcada pela “representação redentora das técnicas de comunicação e de transporte [que se funde] com os grandes relatos do progresso e da democracia”, como refere Armand Mattelart<sup>3</sup> (2000: 150), a primeira metade do século XXI vive com um deleite muito mais temeroso a vertigem de avanços tecnológicos na comunicação. É neste campo específico, e não no receio tecnológico, que o enfoque de “The Machine stops” se nos revela tão pertinente. A associação de avanços científicos a um potencial de auto-destruição não é de todo nova, e a ideia de

possibilidade de destruição integral, de apocalipse, de fim do mundo pela ciência/tecnologia é anterior até à sua própria factibilidade: a mero título de exemplo, no século XVIII Jonathan Swift confrontou Gulliver com a invenção pelos cientistas de Laputa de uma arma avançadíssima cuja utilização, contudo, implicaria a destruição da ilha – Michael Foot afirmará depois que o misantropo Swift antecipara a era nuclear<sup>4</sup>. Em 1922 Lewis Mumford, em *The Story of Utopias* está já plenamente ciente da possibilidade como enfoque da reflexão ética no texto utópico e, depreendo, na própria ficção científica:

A community which cultivates chemical science to the point at which it is able to wipe out a whole city by a few explosions of poisonous gas is in a pretty treacherous situation. If the science that it possesses has not helped to found a eutopia, it has at any rate provided the foundations for a kakotopia, or bad place: in short, for a hell. Indeed scientific knowledge has not merely heightened the possibilities of life in the modern world: it has lowered the depths. When science is not touched by a sense of values it works – as it fairly consistently has worked during the past century – towards a complete dehumanization of the social order. (Mumford 1922: 276)

Em 1934 irá mais longe e, em *Technics and Civilization*, avançará uma ideia precisamente irmanada com a criação de Forster: a divisão de tecnologia em politecnia e monotecnia, sendo esta última (Mumford pensava no carro) de tal forma avassaladora e absorvente que extirpa alternativas e subjuga o Homem. Ora, o que torna o conto de Forster tão curioso é a ênfase que coloca não em questões bélicas ou locomotivas, mas naquelas que são hoje as questões centrais da relação Humano-Tecnologia: a comunicação, a dependência e, derradeiramente, a fronteira entre Homem, Máquina e Deus.

Em “The Machine stops” mãe e filho, convertida e revoltoso, apresentam-nos um mundo em que o ser humano vê todas as suas necessidades (e ensejos, mais do que desejos) serem supridos pela intervenção de uma omnipresente Máquina, maiusculizada como uma espécie de Deus. O seu funcionamento assegura a Vida; a sua ruptura equivale a um final da existência humana. Não é inaudita em E.M. Forster, na abertura do século XX, a emancipação de um pensamento religioso – David Lodge recorda: “Forster described himself as ‘a child of unbelief,’ meaning that, to his generation of intellectuals, atheism and agnosticism came very easily, with none of the traumas suffered by their

Victorian predecessors over the loss of Christian faith” (2003: 143). Simultaneamente, esta humanidade satisfeita torna-se usufrutuária inerte, um ser mantido em celas/palácios individuais subterrâneos pelo sistema que criou. A existência humana tornada autónoma da sua autenticação pelo trabalho, sendo uma questão tão forte na actualidade, com todas as discussões em torno do rendimento básico universal e as leis laborais no uso de robots, é uma questão igualmente actual na entrada do século XX. Peter Firchow, investigador dos estudos utópicos, refere a propósito do que considera ser o conto “anti-utópico” de Forster que “o fim desejado” se converte num “hedonismo animalesco e, pior, aborrecimento” (2007: 6-7)<sup>5</sup>.

Uma apatia quase bovina caracteriza estes habitantes que pecam na **ausência de curiosidade** (“By her side, on the little reading-desk, was a survival from the ages of litter – one book. This was the Book of the Machine. In it were instructions against every possible contingency. If she was hot or cold or dyspeptic or at a loss for a word, she went to the book, and it told her which button to press. The Central Committee published it. In accordance with a growing habit, it was richly bound.” (Forster 2011: 8-9)) **no reconhecimento de conceitos** (“ ‘The Machine stops.’ ‘What do you say?’ / ‘The Machine is stopping, I know it, I know the signs.’ She burst into a peal of laughter. He heard her and was angry, and they spoke no more. ‘Can you imagine anything more absurd?’ she cried to a friend. ‘A man who was my son believes that the Machine is stopping. It would be impious if it was not mad.’ ‘The Machine is stopping?’ her friend replied. ‘What does that mean? The phrase conveys nothing to me.’ ‘Nor to me.’” (45)), **se imobilizam perante o estabelecimento de opiniões** (“‘I want to visit the surface of the earth.’ She was shocked again. ‘Mother, you must come, if only to explain to me what is the harm of visiting the surface of the earth.’ ‘No harm,’ she replied, controlling herself. ‘But no advantage.’” (5)) **e se aninham como crianças no refúgio de um ser mitológico que sabem sua criação** (“Vashti was afraid. ‘O Machine! O Machine! She murmured, and caressed her Book, and was comforted.” (15)).

E.M. Forster, tantas vezes complexo e até enigmático, mantém aqui a fluidez que Jorge de Sena lhe atribui<sup>6</sup>, mas usa um tom argumentativo circular, explícito, quase didáctico neste texto mais curto e tão *sui generis* na sua produção. Poderemos então dizer que há um desejo programático, um ângulo didáctico neste texto distópico em que

a vontade de conhecer uma Humanidade (ainda/já) sem Máquina e a ruptura dessa Máquina geram o apocalipse da nova civilização? Veja-se o final quase homilético do texto:

'I am dying – but we touch, we talk, not through the Machine.'

He kissed her.

'We have come back to our own. We die, but we have recaptured life, as it was in Wessex, when Aelfried overthrew the Danes. We know what they know outside, they who dwelt in the cloud that is the colour of a pearl.'

'But, Kuno, is it true? Are there still men on the surface of the earth? Is this – this tunnel, this poisoned darkness – really not the end?'

He replied:

'I have seen them, spoken to them, loved them. They are hiding in the midst and the ferns until our civilization stops. To-day they are the Homeless – to-morrow –'

'Oh, to-morrow – some fool will start the Machine again, to-morrow.'

'Never,' said Kuno, 'never. Humanity has learnt its lesson.'

As he spoke the whole city was broken like a honey-comb. An air-ship has sailed in through the vomitory into a ruined wharf. It crashed downwards, exploding as it went, rending gallery after gallery with its wings of steel. For a moment they saw the nations of the dead, and, before they joined them, scraps of the untainted sky.' (Forster 2011: 55-6)

Autores primordialmente otimistas como Giampero Bof tendem a associar o discurso utópico a uma fé escatológica e um final civilizacional, mas o papel da distopia prova uma vez mais ser o de antecipar os fins desejados e desnudar-lhes a real natureza. Forter continua Forster. E o futuro, esse, continua, como sempre, matéria do 'agora'.

## Bibliografia

- Ballester, Gonzalo Torrente (1999), *Sobre Literatura e a Arte do Romance*, Algés, Difel.
- Bof, Giampero (1993), “Escatologia e Utopia”, in Arrigo Colombo (org.) (1993), *Utopia e Distopia*, Bari, Edizioni Dedalo: 261-78.
- Firchow, Peter Edgerly (2007), *Modern Utopian Fictions from H. G. Wells to Iris Murdoch*, Washington: The Catholic University of America Press.
- Foot, Michael (1967), “Introduction”, in Jonathan Swift (1967), *Gulliver’s Travels*, Baltimore, Penguin Books [1726].
- Forster, E.M. (2011), *The Machine Stops*, Londres, Penguin.
- Lodge, David (2003), *Consciousness and the Novel*, Londres, Penguin Books.
- Long, Chris (2016), “‘The Machine stops’: did E. M. Forster predict the internet age”, in *BBC News*, 18 de Maio de 2016, <[www.bbc.com/news/entertainment-arts-36289890](http://www.bbc.com/news/entertainment-arts-36289890)>, (último acesso em 14 de janeiro de 2017).
- Mattelart, Armand (2000), *História da Utopia Planetária. Da cidade profética à sociedade global*, Lisboa, Editorial Bizâncio.
- Mumford, Lewis (1922), *The Story of Utopias*, Nova Iorque, The Viking Press.
- Sena, Jorge de (1989), *A Literatura Inglesa*, Lisboa, Edições Cotovia.

**Sofia de Melo Araújo** é Doutorada, como bolsista da FCT, em Estudos Anglo-Americanos, sob orientação das Professoras Doutoradas Maria de Fátima Marinho e Fátima Vieira, pós-graduada em Literatura Portuguesa e Brasileira e licenciada em LLM – Variante Estudos Portugueses e Ingleses (Ramo Pedagógico) pela F.L.U.P.

Docente da Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico do Porto. Criadora e docente da cadeira Escritores Portugueses: uma Abordagem Ética da Literatura no âmbito do PEUS-Universidade do Porto. Docente de Inglês Académico (níveis avançados) da Universidade do Porto desde 2013. De 2006 a 2008 monitora de Literatura Universal na Universidade Católica do Porto, sob coordenação do Professor Doutor Arnaldo Saraiva. Colaboradora dos grupos de investigação CITCEM, CETAPS, Instituto de Filosofia (IF) e Instituto de Literatura Comparada – Margarida Losa.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Concordo com Gonzalo Torrente Ballester: “O texto é sempre como uma partitura que cada um toca a seu modo: só pode ser entendido a partir da experiência de cada um, e a experiência é própria dos indivíduos e não é intercambiável, nem há experiências melhores do que outras” (1999: 213-4).

<sup>2</sup> Esta é uma leitura geralmente feita de Forster, apesar da validade daquilo que refere David Lodge: “E.M. Forster has always occupied a problematic position in the literary history of the twentieth century. He is generally recognized as a major modern novelist, with a place in the same pantheon as Henry James, Joseph Conrad, James Joyce, Virginia Woolf, and D. H. Lawrence. But even the admiring Trilling observed, shrewdly, that ‘he is sometimes irritating in his refusal to be great’” (2003: 153-4).

<sup>3</sup> Mattelart reconhece de imediato a existência também de atenção a potencial negativo. Veja-se a citação em contexto mais amplo: “A representação redentora das técnicas de comunicação e de transporte triunfa na segunda metade do século XIX, e funde-se com os grandes relatos do progresso e da democracia. A normalização das redes internacionais do telégrafo (mas também dos correios) conjuga-se com as figuras da concórdia universal. Antes mesmo de os cientistas terem conseguido dominar o ‘mais pesado do que o ar’, as máquinas voadoras espreitavam o imaginário da libertação humana. A imagem que, a partir das duas últimas décadas do século XIX e até às vésperas da Grande Guerra, os romances de ficção científica projectam do futuro do mundo oscila entre a promessa duma Cidade mundial e o apocalipse dum globo aniquilado pela guerra total e planetária. As controvérsias sobre os efeitos da generalização dum



---

racionalismo tecnicista guiado exclusivamente pela busca do lucro dividem os meios socialistas, que se interrogam sobre as possibilidades de dominar as aplicações sociais das inovações para fins de emancipação. A cobertura do território pelos fios e cabos eléctricos suscita uma nova esperança de democracia descentralizada. A partir do momento em que é inventado, o cinematógrafo assume o papel de ‘agente de ligação da humanidade’” (2000: 150).

<sup>4</sup> Cf. Foot: “If the story of the king and his ingenious scientists, who invented an all-conquering contraption which could only be used at the price of blasting all Laputa to kingdom come, is not a prophecy of the H-bomb, I will eat my academic hat and surrender my literary critic’s cloak altogether” (1967: 29).

<sup>5</sup> Cf texto integral original: “One of the great fears of the anti-utopians with respect to technological progress is that it will ultimately deprive all but a tiny minority of people – or perhaps even everyone – of anything ‘useful’ to do; it will, in other words, substitute itself for actual lived life. This is a fear, it should be noted, that precedes by many decades the current denigration of ‘virtual’ or computer-generated reality. It is, for example, clearly expressed in E. M. Forster’s anti-utopian short story ‘The Machine Stops’. Humanity is now faced with a problem for which humanity is utterly unprepared because hitherto it had never presented itself as a problem. Previously it had, in fact, been a desirable end. This new and unanticipated problem is what to do with a life in which work is no longer required – is, in fact, no longer even possible. In a world where leisure is compulsory, utopian existence suddenly seems horrifying precisely because it is ‘utopian,’ because it is so easy and comfortable and, paradoxically, so unproblematic. Utopia, it turns out, delivers for most of its inhabitants not intellectual and emotional challenges, but an animalistic hedonism and, what is perhaps even worse, boredom. Aldous Huxley’s *Brave New World* is the classic example of a future society in which technology has – magically and ironically – provided humanity with all it had thought it desired.” (Firchow 2007: 6-7).

<sup>6</sup> Cf. “Os argumentos das suas narrativas são muitas vezes fluídos ou arbitrários, para que – e é o que lhe importa – as personagens se vejam em situações que, despindo-as da personalidade convencional que usavam, lhes não permitem recobrir-se da convencionalidade romanesca que a verosimilhança recria” (Sena 1989: 350).